

DA INVISIBILIDADE PARA A VISIBILIDADE DA EXPERIÊNCIA: ALGUNS CAUSOS NÃO CONTADOS

FROM INVISIBILITY TO EXPERIENCE-ORIENTED VISIBILITY: SOME STORIES NOT TOLD

FRANCISCA ILNAR DE SOUSA¹

RESUMO

O texto é uma reflexão que toma por base a experiência de alguns indivíduos e sua convivência com a denominada “doença século”, a Aids. A categoria experiência será de fundamental importância na discussão, pois possibilitará compreender a positividade dessa síndrome na história de vida de sujeitos que tornaram-se “visíveis” e exemplares para uma sociedade que insiste em não reconhecer e não conviver com a diferença.

Palavras-chave: experiência, Aids, diferença.

ABSTRACT

This paper is an attempt to evaluate the experience of some individuals with so-called disease of the century-AIDS. The analysis of the experience is a major factor in the discussion because it will make it possible to lead the investigator into understanding some aspects of this syndrome in the lives of the subjects who have come in the open and present themselves as a positive reference of how one can live with the disease and face the bias of a society that insists on not accepting the difference.

Keyword: experience, Aids, visibility, difference.

Pretendo, neste texto, pensar a categoria experiência e refletir acerca da vivência de alguns atores

sociais dos quais conhecemos alguns momentos parciais de suas vidas que são exemplares para repensarmos várias categorias cristalizadas por nós as quais às vezes nos levam a cometer análises equivocadas.

A história do surgimento e formação das ciências já aponta para isso: em determinados períodos, certos objetos e categorias predominaram; noutros, tiveram que se impor e, mesmo nos dias atuais, há um tratamento, que eu diria, meio jocoso em torno deles: é o caso de temas que tratam de mulheres, negros, homossexuais, índios (devem existir, com certeza, muitos outros em várias áreas da ciência).

Estas reflexões, aliadas à leitura do texto de Joan Scott (1981), a qual trata do problema de escrever a história da diferença por meio da categoria experiência, animaram-me a discutir alguns casos. Essa leitura me fez lembrar de muitas histórias importantes que aconteceram e que fui deixando para registrar e pensar nelas depois de feita a tese, tudo pode até acontecer, mas só depois da tese! Mas agora, durante a tese, não pude mais deixar passar sob pena de correr o risco de perder a importância destas histórias – se é que um dia perderá importância qualquer coisa que diga respeito à vida.

O contexto destas histórias tem implicações diretas com Aids. Quando comecei a trabalhar com prostitutas, por conta da Aids,² percebi que essa síndrome não somente possuía aspectos negativos; pelo contrário, ela também tinha a sua positividade. Entretanto, a visibilidade positiva da Aids surge na dependência direta do ângulo no qual o pesquisador/sujeito se colocar e da experiência adquirida no convívio com ela.³ Não somente o ângulo fará a diferen-

¹Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo

²Uma destas histórias também está relacionada a minha experiência com a prostituição feminina no período do surgimento da Aids, o que me proporcionou conhecer um mundo constituído por homens e mulheres, mas exclusivo para homens. Esse contato resultou em uma dissertação de mestrado elaborada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, e posteriormente publicada como título O cliente: o outro lado da prostituição.

³Uma história muito conhecida é a da mãe do cantor Cazusa que, depois da experiência negativa de perder o filho, vítima de Aids, soube retirar algo de positivo dessa vivência, e hoje é uma das grandes colaboradoras na prevenção e ajuda aos portadores do vírus. Pode-se perceber que o que ela pôde fazer pelo filho estende-se a outros “filhos adotados” como forma de perpetuar o cuidado carinhoso da mãe para com o que se foi, mas deixou vários outros necessitando dessa atenção.

ça, mas a postura política e social do pesquisador porque, segundo Scott, não se pode

garantir a neutralidade do historiador [pesquisador], pois decidir quais categorias se deve historicizar é inevitavelmente político, está necessariamente ligado ao reconhecimento do lugar do historiador [pesquisador] na produção do conhecimento (1981: 325).

Antes de continuar a explicitar a positividade a que me referi anteriormente, é preciso, primeiramente, lembrar que a Aids era uma doença enfaticamente reconhecida como sendo exclusividade de pessoas promíscuas e consideradas anormais como as prostitutas e, principalmente, os homossexuais. Bastava saber que algum conhecido, colega, amigo morreu em virtude das complicações causadas pela Aids e, inevitavelmente, surgia a pergunta sussurrada (acho que por medo da dupla contaminação: homossexualidade e Aids): “Ele era homossexual?” Embora amigos e parentes reafirmassem, jurassem de pés juntos que o finado não era *bicha*, não mais adiantava, pois o estigma já se havia cristalizado: depois de falecido, o morto, mesmo tendo fama de “galinha”, era transfigurado, transformado em homossexual. Por vezes, o estigma era (será que não é mais?) tão forte que implicava a morte do sujeito quase concomitantemente ao diagnóstico. E não era somente por falta de um conhecimento maior da síndrome ou de tratamento que prolongasse a vida das vítimas da Aids. A discriminação taxonômica entre heteros, homos ou bissexuais levou muitos à morte prematura. Alguns, felizmente, conseguiram sobreviver e não foi graças à *caridade de quem os detesta*,⁴ mas da possibilidade que aquela experiência – vivência da sexualidade e Aids – se lhes apresentava.

Gosto muito de contar histórias, de preferência verídicas, para exemplificar e dar transparência àquilo que aparentemente, só aparentemente, é de difícil compreensão e visibilidade. Esta é uma história, dentre tantas outras, de experiência positiva de convivência com a Aids.

... E ELE RESSUSCITOU DENTRO OS 'MORTOS'...

Era uma vez um jovem rapaz de 18 anos, igual a tantos outros, que vivia uma experiência, a qual não aceitava, de homossexualidade, ambígua e ambivalente. Após manter contato sexual com outros rapazes entregava-se a dúvidas, incertezas, sentimentos de tal forma negativos e sofridos que não encontrava com quem partilhar sua dor por não poder comprometer-se diante de uma sociedade que exigia dele atitudes predominantemente masculinas.⁵ A construção da masculinidade implica, segundo Nolasco, a

... concentração dos elementos que a constituem (posse, poder, virilidade, agressividade, iniciativa, sexualidade incontrolada) [e] tende a se acentuar pois, diante de uma avaliação dos indivíduos calcada no desempenho e na eficiência, o sexo e o corpo perdem o lugar e o significado que tinham até então na história do Ocidente. Uma das consequências para os homens foi ter de empreender um esforço para compreender o que se passa à sua volta e com eles mesmos sem a referência do sexo.

Ora, diante da perda de referência, continua Nolasco, “os homens ficam sem palavras para mediar suas ações. Sem palavras, novas palavras para nomear, os homens reagem com violência” (1995: 28).

Mas, voltando à nossa história, um dia, um diagnóstico muda para sempre toda a vida do jovem rapaz. Ao recebê-lo das mãos de uma enfermeira-chefe, escuta a condenação textual: “Você está com Aids e só tem seis meses de vida”. Imediatamente perdeu o emprego de auxiliar de escritório em uma loja de departamentos e, desempregado, desamparado e esperando a morte chegar, resolveu voltar para a casa dos pais, no interior do Ceará, na cidadezinha onde havia nascido, Milhã. Cidades pequenas, o que têm de pacatas e hospitaleiras, têm também o poder, sabe-se lá como (se bem que o sabemos), de difusão dos mais íntimos detalhes da vida de seus moradores. E foi as-

⁴ O tempo não pára. Arnaldo Brandão/Cazuza.

⁵ Rivera Medina (*apud* Ortiz, 1995:151), afirma: “Há muitos estudos que assinalam o papel exercido por esse tipo de subjetividade masculina na opressão às mulheres, especialmente no tocante ao abuso de poder nas sociedades patriarcais. Poucos identificam, entretanto, as penúrias que essa maneira de estar no mundo encerra, provocando a auto-opressão do próprio homem. Continuando, Ortiz diz que “o poder masculino, que representa, definitivamente, certos privilégios para o homem nas sociedades patriarcais, também significa angústia e muita solidão existencial”

sim que o pequeno comércio dos pais do rapaz condenado à morte por ser portador de um vírus fechou as portas, por falta de uma clientela que, outrora assídua, afastara-se por entender que o vírus tomara conta daquela infeliz família.

Mas nem tudo são perdas. Seus pais possuíam um pequeno sítio para onde se transferiram e poderiam, finalmente em paz, esperar a morte do filho. Souberam compreender e aceitar sua homossexualidade e dar forças ao rapaz para suportar o seu trágico “destino”.

Os dias arrastavam-se lentamente, e o rapaz, acostumado ao ritmo da cidade grande, não mais suportando esta espera e isento dos sintomas que deveriam acompanhá-lo – encontrava-se mais robusto e animado –, resolveu voltar para a grande cidade e viver os poucos dias que lhe restavam.

A LUTA PELA VIDA E O RE- CONHECIMENTO DA SEXUALIDADE

Em 1987, tem início o Projeto de Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST’s/Aids nos prostíbulos de Fortaleza, financiado pela Inter-Aide, instituição francesa. A escolha por se trabalhar com a prostituição reflete-se na compreensão, histórica, que se tinha de contaminação de doenças sexuais por prostitutas. Esse também foi o período de nomeação dos famosos “grupos de riscos” que difundiam a Aids, a doença do século: prostitutas, homossexuais e hemofílicos. A idéia parecia ser simples, não fosse a sua complexidade no que se referia a tabus e preconceitos secularmente cristalizados (Ortiz, 1995). Propunha-se visitar prostitutas *in loco*, ou seja, nos prostíbulos, em horários que não incomodassem o ritmo de trabalho delas, conversar sobre as DST’s e, mais especificamente, a Aids, além da distribuição de preservativos. Pensava-se, assim, conter a disseminação da Aids e estimular o uso de preservativos. Não se imaginava, entretanto, que mudar comportamentos arraigados implica campanhas contínuas para todos os segmentos sociais e não somente aos denominados “grupos de riscos”.

Surge então um período de emergência de novos projetos que desenvolveram trabalhos com outros segmentos, como o dos adolescentes, de mulheres casadas e (por que não?) dos homens em seus locais de trabalho.⁶ Houve, em pouco tempo, uma proliferação de ONG’s que se dedicaram a estudar, com a pró-

pria comunidade interessada, a sexualidade, sexo seguro, métodos contraceptivos, etc., por intermédio da experiência/vivência dos sujeitos, estimulando-os a uma participação mais efetiva na história; não a história oficial, ornamentada por heróis, mas a história cotidiana na qual os atores eram vizinhos, amigos, enfim, os “anti-heróis”.

Foi nesse contexto que o nosso principal protagonista encontrou-se inserido. Ao voltar para a cidade grande, as novas relações homossexuais levaram-no para uma ONG – Grupo de Resistência Asa Branca, GRAB – que agregava homossexuais masculinos e femininos, portadores ou não do vírus, simpatizantes e intelectuais interessados no tema. A Aids possibilitou, ou melhor, apressou o afloramento e publicização de uma sexualidade silenciada, nomeada e proibida.

O convívio com *iguais* fez com que ele compreendesse questões que até então só percebia através da visão do *outro*; e essa compreensão doía profundamente porque ele não poderia se desfazer de algo que parecia fazer parte dele, pois o ato de pensar em si implica pensar o *outro*” (Beauvoir). A aceitação se deu no campo da experiência de uma nova vida, de novas companhias, de uma nova visão de mundo que até então lutara para rejeitar. Para se assumir como *sendo*, ele teria que anular o *outro* que teimava em resistir nele. Esse processo só foi possibilitado pela convivência no grupo com homossexuais e com outras ONG’s, nos depoimentos dentro do próprio grupo, nos estudos e reuniões constantes e na luta do GRAB por questões ligadas aos direitos dos homossexuais.

Na vida e na luta, o rapaz encontrou razão para viver e lutar. E assim, juntamente com tantos outros que estavam em uma condição próxima a sua – portadores do vírus, muitos abandonados pela família, desempregados, com um baixíssimo grau de auto-estima –, recorreu aos poderes públicos, dentre eles a Secretaria de Saúde do Estado e do Município, Ministério da Saúde, ONG’s nacionais e internacionais sensíveis a situações como a sua e também aos meios de comunicação, que propiciavam uma interlocução mais direta com a sociedade. Um caminho árduo, difícil e, em muitos casos, sem retorno para alguns que não puderam usufruir algumas poucas conquistas adquiridas até aquele momento. Os obstáculos foram muitos, a perseguição se fazia até em colunas sociais que ironicamente se questionavam, pasmas, diante da organização de *minorias* como prostitutas e homossexuais, afirmando que, “em assim continuando, logo teríamos associação de bandidos e marginais!”⁷

⁶ inicialmente não havia uma preocupação em educar os homens na prevenção de DST’s/Aids. Essa forma de pensar e agir evidenciava que a mulher era ainda a única responsável por questões como a contaminação sexual e a prevenção da gravidez.

⁷ Jornal *O Povo*, Coluna de Regina Marshall, s/d.

Uma das primeiras lutas vencidas pelo nosso ator principal se deu no campo da Justiça: a empresa que o havia demitido, por ser ele um portador do vírus, foi intimada a aposentá-lo. Outra vitória foi a conquista de um espaço para o funcionamento da sede do GRAB, cedido pelo então Secretário do Trabalho e Ação Social do Município, em termo de comodato, por um período de dez anos; uma outra estava ligada à possibilidade de acesso ao “coquetel” para muitos homossexuais que não dispunham de condições de adquiri-lo.

A condição de visibilidade de um grupo que lutava pelo reconhecimento de sua própria existência foi um processo de (re)afirmação de uma sexualidade historicamente criada e negada pela própria sociedade. Ao se encontrar entre *iguais*, foi mais fácil para o jovem rapaz entender as diferenças, o porquê da existência do *outro* e de uma sexualidade criada em função deste mesmo *outro*.

Daquele fatídico dia em que recebeu o diagnóstico que irresponsavelmente determinava seis meses de vida para um sujeito fragilizado por sua própria condição, passou-se mais de uma década. Foram anos de convivência com um vírus, de altos e baixos, de perdas e ganhos, no caso específico, mais ganhos que perdas.

Não dá para falar de final feliz, mas, talvez, de *modus vivendus* (Bourdieu, 1989) feliz, porque, afinal, nosso jovem rapaz tornou-se adulto e experiente presidente da ONG que o acolheu. Nos momentos em que a situação financeira de outros, que se encontram em condição semelhante à sua, ele divide sua aposentadoria com estes; tem trabalhado ainda, pela possibilidade de uma melhor qualidade de vida e pela profissionalização dos portadores do vírus, que não consegue ver como inválidos. Atualmente vive com um companheiro⁸ momentos de paz e construção de uma nova possibilidade de vivência de sua sexualidade.

Do sujeito perdido, sofrido, emerge, tal qual a fênix das cinzas, um homem que conheceu melhor sua sexualidade, que encontrou – na necessidade de ajudar outros – a razão de viver, o remédio que o trouxe à vida. Milagres, parece que existem e nós podemos criá-los, assim como tivemos sagacidade e inteligência para criar Deus.

OUTRAS “MINORIAS”

Poder-se-iam citar alguns outros casos; é o que pretendo fazer. Entretanto, penso que já começa a delinear-se a positividade ou o outro lado dessa doença. Estas pequenas histórias são significativas, pois registram em distintos territórios diferentes histórias que remontam à mesma conjunção de fatores, justificando a necessidade de se compreender as singularidades dos movimentos que levam à mudança de conceitos e propiciam o surgimento de outros num processo que seria instaurador da dinâmica do real.

Da efervescência de discussões que findaram por reconhecer a politização e participação das mulheres nos movimentos sociais e em espaços anteriormente percebidos como de domínio do sexo masculino, como o espaço fabril (o público), por exemplo, propiciou-se o questionamento da participação da mulher em outras áreas além da esfera do trabalho, como a da maternidade, a da sexualidade, a do lar (o privado). A formação de grupos de estudos sobre gênero, com avanços e recuos, tornou possível o repensar de categorias eternizadoras do masculino e do feminino, forjando e abrindo caminhos para uma reflexão sobre a sexualidade dicotomizada entre a esposa e a prostituta, ambas construídas em função do masculino.⁹ Foi nesse sentido que a organização das prostitutas também aflorou, tendo como contexto a prevenção e transmissão da Aids.

Alguns tabus e conceitos secularizados foram demolidos ao se pensar em propor novas formas de disciplinamento de uma sexualidade viva e dinâmica, como foi o caso do “sexo seguro”. A idéia de que a masturbação,¹⁰ por exemplo, trazia problemas orgânicos, dentre outros, foi um dos tabus que caiu por terra. Anteriormente negada e condenada pela ciência e pela Igreja Católica, a masturbação passou a ser estimulada, especialmente a dois, pelos defensores do nomeado “sexo seguro”, chamando a atenção para os benefícios e prazeres¹¹ que ela pode propiciar ao casal (tenha ele o formato que tiver).

O uso do preservativo, encarado como contraceptivo e preventivo de DST's/Aids, passou a ser uma das possibilidades do “sexo seguro”. As “escolas” de

⁸ O companheiro do jovem rapaz vem de um casamento heterossexual e tem nas duas filhas grandes amigas; também é portador do vírus HIV.

⁹ Ver Matos (1996) e Souza-Lobo (1991).

¹⁰ Masturbar-se poderia ocasionar loucura; fazia surgir acne em excesso na face e calosidade nas mãos. Portanto, seria facilmente identificada a pessoa que usasse desse artifício não muito nobre, principalmente os adolescentes. Aí identifica-se a onipresença não somente de Deus, mas também dos homens, *vigiando e punindo*.

¹¹ Hodiernamente, pode-se conhecer alguém e usar a masturbação, prevenindo-se da transmissão de DST's/Aids até se conhecer melhor (se for o caso) a pessoa. Além disso, evita-se também a concepção. E, em se tratando de um “ato solitário”, pode-se aprender a conhecer melhor o próprio corpo, propiciando mais prazer em uma futura relação a dois.

sexualidade que surgem tentam estimular o casal (casados ou namorados) a se seduzir (*strip-tease*, massagens, cursos de artes sensuais e sobre o ponto “G”) para evitar a procura por novidades fora de casa. Há, ainda, uma revitalização de campanhas pela fidelidade e movimentos de reforço à preservação da virgindade, feminina, antes do casamento como forma de inibir a disseminação da doença do século.

Curiosamente, ao se “descobrir” que esta não era uma doença que se limitava aos “grupos de riscos”, o controle da disseminação entre os homossexuais caiu vertiginosamente, enquanto um outro grupo surgiu tornando-se complexa a abordagem desse tema em razão das suspeitas que geralmente levantava: o grupo das “mulheres casadas”, aquelas que, em muitos casos, sequer imaginavam que o marido fosse bissexual, ou mantivesse aventuras extraconjugais tanto hetero, como, e principalmente, homossexuais. Mas este foi apenas um parêntese contextualizatório que pode vir a tornar-se um polêmico tema de discussão.

E as prostitutas? Com esse grupo as estatísticas são menos escandalosas até mesmo pela dificuldade delas (muitas ainda) de se identificarem como tal. E por que deveriam? Mas sabemos que um número não muito pequeno também foi vítima da Aids. Conheci muitas que se destacaram na luta pela prevenção, educação e reivindicação pelo reconhecimento e respeito da categoria. Mulheres analfabetas, mas profundas conhecedoras da vida e dos homens, que se sobressaíram engajando-se ou organizando ONG’s para obter a visibilidade necessária à sua própria existência. Encontros de mulheres prostitutas foram organizados; os meios de comunicação abriram espaços para a divulgação de mais um grupo que reivindicava os seus direitos de cidadãs. Intelectuais voltam os olhares para estes novos (tão antigos quanto a humanidade) grupos; a diferença ressurge colorida e barulhenta, adentrando as instituições mais conservadoras.

Em Fortaleza, a Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE) ganha uma sede localizada no Bairro da Aerolândia, vizinho, “parede e meia”, a uma igreja católica¹². É o sagrado e o profano convivendo lado a lado, como, aliás, sempre conviveram com seus interesses e conflitos necessários à vida. “O cristianismo despreza-as, mas aceita-as como um mal necessário. ‘Suprimi as prostitutas, e pertubareis a sociedade com a libertinagem’, afirmava Santo Agostinho. Além de comungar com essa idéia, Santo Agostinho pensava as prostitutas como possibilitadoras de uma higiene social e sexual, ou seja, como cordão sanitário:

Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão a pertubará com desordens de toda espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio: suprimi a cloaca e o palácio tornar-se-á um lugar sujo e infecto. (Beauvoir, s/d: 127).

A APROCE originou-se do Projeto de Prevenção às DST’s/Aids que, inicialmente, apoiou-se no trabalho de estudantes universitários e, posteriormente, “descobriu” lideranças entre as prostitutas, treinando-as para dar continuidade às “palestras” e à distribuição de preservativos. Com a organização das mulheres em torno do projeto, a idéia de uma associação daria respaldo político e maior visibilidade ao grupo. A associação emergiu atrelada e ‘viciada’ ao projeto, mas conseguiu libertar-se e seguir seu próprio caminho baseada no trabalho de defesa da mulher prostituta e apoiada por outras ONG’s. Atualmente, a entidade recebe financiamentos de projetos tanto do Ministério da Saúde quanto de fontes internacionais.

A associação é reconhecida nacional e internacionalmente pelo trabalho que tem desenvolvido não somente na capital, mas em alguns municípios do Ceará e em vários estados, orientando na organização de associações e treinando futuras lideranças/multiplicadoras na arte da prevenção, do amor e do respeito por si próprias.

Conheci mulheres prostitutas que, se não fora pela intervenção do Projeto de Prevenção às DST’s/Aids, não teriam seguido o caminho que hoje percorrem. Quer dizer, a possibilidade criada com o surgimento da Aids propiciou novas dimensões de vida para muitas delas. Contarei mais um caso ao qual me referi em linha anteriores.

Eva, mulher nascida no interior do Ceará, sobrevivia há anos fazendo prostituição. O grupo do projeto reconheceu-a como liderança em potencial e Eva teve que conciliar o “fazer programas”, trabalhar no projeto e ser esposa nessa sua nova caminhada. Da mulher “feita na vida” desabrochou uma liderança com capacidade de aglutinar mulheres, discutir temas relacionados às suas questões, às questões das ONG’s e tantas outras. Foi a primeira presidenta da Associação de Prostitutas do Ceará, trabalhou também em outras ONG’s constituídas por homossexuais e por crianças; dá treinamentos, participa de seminários e palestras em universidades. Eva não é portadora do vírus, o que possivelmente poderia adquiri-lo, não fosse este mais um exemplo de mudança positiva que

¹²A sede da APROCE funciona em um espaço cedido pela Secretaria de Ação Social do Estado.

o vírus iria estimular. Ao se transformar em uma experta em Aids, por tabela, tornou-se uma exímia especialista em DST's, sexualidade, sexo seguro, desenvolvendo, também, a capacidade de elaborar projetos, muitos dos quais recebeu financiamentos, principalmente do Ministério da Saúde e da Comunidade Solidária. Deixou de "fazer prostituição" já que essas outras atividades a envolveram tanto que não mais encontrou tempo e razão de voltar "à ativa". Ao ser indagada sobre quem foram as pessoas com as quais ela passou a conviver e que a levaram a mudanças drásticas na sua vida, respondeu:

Foram universitários [do projeto], pessoas maravilhosas e também na própria Associação; meus parceiros [clientes] que, às vezes, pareciam não estar ali com a prostituta e eu também não me considerava a tal [porque] nós nos considerávamos como dois amigos que estávamos com problemas e que estaríamos dividindo, conversando e que poderíamos até encontrar soluções um para o outro (Jornal O Povo, 1995).

Eva já foi "objeto" de estudo tanto de estudantes brasileiras como estrangeiros e teve publicada sua história de vida nos Estados Unidos.

A MALDIÇÃO DO "DESTINO"

O destino surge nos discursos como moldador da vida do ser humano, do qual não se poderá jamais fugir. Essa conotação ou visão de mundo tem se perpetuado como uma espécie de estigma que persegue e sedimenta os discursos, vivências e serve de exemplo para os mais jovens, como uma "punição superior" àquele que resolve seguir outros caminhos que não os ditados e determinados anteriormente, sabe-se lá por quem. Ao destino escrito nas estrelas ou visualizado nas cartas parece não ser possível fugir, como as muitas histórias que surgem. Servem, principalmente, como exemplos a não serem seguidos, respaldados pelos ditos populares e crenças:

"Só Deus é quem sabe"; "Foi Deus quem quis assim"; "Se Deus quiser"; "pau que nasce torto morre torto e a cinza ainda é torta"; "não existe ex-prostituta, ex-homossexual, ex-ladrão e ex-corno"; "quem nasceu pra ser pobre não tem jeito"; quem nasceu pra ser taxinha nunca chega a ser prego"; etc. Entretanto, "... a

experiência do destino se faz também por rupturas e resistências" (Souza-Lobo, 1991).

Parece ser o caso também, de Sabrina, que foi outra "obra-prima produzida pela Aids". Há anos vivendo da prostituição, analfabeta, de origem interiorana, seu contato com o grupo do projeto, conforme afirmou, ensinou-a falar, a não ter medo de expor-se em público, a encarar a vida como nunca havia feito até então, a assumir-se como prostituta profissional e, principalmente, a "quebrar a maldição do destino". De família numerosa, eram sete irmãos – cinco homens e duas mulheres –, o "destino" de Sabrina começou a ser traçado, ainda no ventre de sua mãe, quando seu pai "avisou" à esposa que se viesse mais uma criança do sexo feminino, ele abandonaria todos:

Eu lembro que a separação dele com a minha mãe foi o meu nascimento. Se nascesse mais uma mulher ele não queria ela. Porque era pra nascer todos homens porque de mulher bastava aquela que tinha nascido. Aí, a separação dele foi quando eu nasci. Se nascesse uma mulher eles tavam separados. Aí foi quando eu nasci e pronto. A separação foi isso, a ignorância era muito grande, né? Naquele tempo era demais. Com medo que as mulheres sempre fossem... tá entendendo? Porque diz que as mulheres tinham umas que casavam, tinham outras que era rapariga. Ele tinha medo que as filhas dele fossem ser raparigas, prostitutas. Porque naquele tempo essa palavra prostituta quase não existia, era rapariga (ex-prostituta, 1996).

E assim procedeu. Sozinhos, tiveram que trabalhar para sobreviver. E foi justamente Sabrina a mais penalizada. Morando em Quixeramobim, interior do Ceará, sua mãe costurava para as prostitutas da cidade e Sabrina, criança ainda, é que levava as encomendas e trazia o dinheiro para sua mãe.

Começou a freqüentar a escola e, enquanto as professoras e os colegas não sabiam de suas idas e vindas ao prostíbulo, tudo ia muito bem. Entretanto, ao ser "descoberta" a "maldição" se fez lembrar. Passou a ser desprezada pelas professoras e humilhada pelos colegas.

Minha mãe fazia roupa pras prostitutas. Eu é que ia entregar, é quem ia buscar, quem ia cobrar, tá entendendo? Isso lá em Quixeramobim. Eu andava com elas pra rua, fazer

compra. É como ainda hoje eu sou assim. Eu não costumo ver as pessoas pela profissão. (...) Aí eu comecei a andar com aquelas mulheres, fazia compras, fazia mandado pra elas. Então, quando notaram no colégio foi o final pra mim. As professoras eram tudo de “esquerda”, olhavam tudo... Sabe? Eu tinha de sete para os oito [anos] e fazia alfabetização. As professora, elas olhavam assim como se eu fosse ou tivesse alguma doença contagiosa. Eu notava aquele olhar assim de desprezo, eu era muito criança, mas eu notava. Isso era as professoras sozinhas. Quando os alunos começaram a descobrir, me cuspiam, maltratava. Eu era igual a prostituta, eu era como se fosse uma prostituta. Até que um dia uma delas [criança] me fez raiva e eu digo assim, porque naquele tempo o pessoal não chamava quase nem prostituta, era rapariga mesmo, né? Eu disse: “Olha, as raparigas são melhor do que as mães de vocês. E eu digo já por quê: porque os pais de vocês só vive lá atrás delas, porque eu vejo e conheço o pai de todo mundo aqui porque quem entrega os bilhetes sou eu.” Eu disse pra elas, tá? (Ex-prostituta, 1996).

As mães proibiam suas crianças de ter amizade e proximidade com ela. A própria irmã de Sabrina, que freqüentava a mesma escola, não se identificava como tal nem a defendia, pois era muito estimada pelos professores e colegas e fora escolhida rainha da escola.

Diferentemente da comunidade escolar, Sabrina era tratada com muito carinho pelas prostitutas e clientes, sendo considerada pelas primeiras como uma espécie de amuleto, pois, além de ser uma criança pura, que não via maldade nas coisas e pessoas, era virgem. Sempre que ia ao prostíbulo, as prostitutas “pegavam” em Sabrina para ter sorte e ganhar muito dinheiro. E não é que dava certo! Tanto que sentiram muito quando o “pequeno amuleto” teve que mudar-se de cidade, já que não conseguia ter um amigo ou amiga por conta de seu “destino” implacável.

“Você não pode ir embora. Você dá sorte pra gente.” Elas tinham aquelas coisa que antes d’eu sair eu tinha que pegar na bolsa delas pra elas ganhar dinheiro. A Gorete fazia isso. Era a Gorete, a Amélia, que eu tinha que pegar nas bolsas delas pra elas “faturar”, né? (...) Ela disse: “E agora quem vai pegar na nossa bolsa, quem vai pegar nas nossas coi-

sas pra gente ganhar dinheiro?” (...) Você é o nosso “anjo da sorte”. Eu digo: “Não, mas eu acho que é mais é tolice de vocês. Eu acho que não é isso não. Deus dá pra todo mundo.” Ela disse: “É não. Só você é a única pessoa virgem que anda aqui dentro. E virgem dá muita sorte.” Elas diziam, sabe? “Você dá sorte.” Elas pegavam na minha mão quando queriam “ganhar dinheiro”. Eu fui embora e fiquei pensando nelas. Eu fui embora pra outro interior (ex-prostituta, 1996).

Parecia que seu “destino” realmente iria mudar na nova cidade, com uma vida nova e longe do caminho determinado pela “maldição paterna”. Sabrina conheceu parentes que resolveram assumi-la; colocaram-na para estudar, ajudaram sua família com dinheiro e alimentos; ela passou a ter tudo o que enfim havia sido negado até aquele momento. O que Sabrina não poderia pensar era que o “filho da casa”, rapaz bonito, conforme ela mesma dizia, de feições bíblicas, olhos azuis, se apaixonasse e quisesse casar-se com ela. Sabrina, entretanto, não apaixonada, mas tremendamente agradecida à família e ao rapaz pela ajuda que estavam dando a ela e a seus parentes, aceitou o namoro, mas não se achou digna do rapaz nem preparada para o casamento.

Aproveitando um momento de férias, em Fortaleza, “entregou-se” ao rapaz, por gratidão, e resolveu fugir no dia seguinte, pois ainda acreditava no seu “destino”.

Então, nas primeiras relações sexuais, eu cheguei pra ele.... Porque eu tenho assim uns negócio assim que me diz: “Se nós praticar isso” – eu disse pra ele – “eu vou ser prostituta.” Ele disse: “Por que?” Eu digo: “Eu não sei. Eu não sei por que eu penso assim. Não é porque eu achei bonito lá em Quixeramobim, não é isso. É porque eu acho que eu vou viver...” Eu perguntei a ele se ele acreditava em destino, tá entendendo? Eu digo: “Eu acho que é o destino me levando, eu não sei.” Ele disse: “Não, vai não. A gente vai casar.” Mas só comigo eu dizia assim, só lá dentro de mim: “Se ele souber que é eu que não quero casar.” A intenção dele era boa comigo, sabe? Aí eu fugi de manhã, chegando aqui em Fortaleza (ex-prostituta, 1996).

Foram dez anos vivendo da prostituição, muito embora tenha tentado outros meios para sobrevi-

ver – o fato de ser analfabeta, inexperiente e menor de idade empurraram-na para o encontro do seu “destino”.

Em 1987, o contato com o projeto e com pessoas diferentes das que estava acostumada a conviver trouxe-lhe novas perspectivas; desenvolveu o que sempre teve vontade de fazer e não encontrava como: a arte da dramatização – o que na verdade, mesmo sem saber, já realizava para seus próprios clientes. Goffman soube interpretar a representação da vida cotidiana com muita sutileza quando afirmou que

algumas mundanas de rua bem-sucedidas são, ao que parece, as que se dispõem a representar uma viva aprovação da encenação de seus clientes, demonstrando deste modo o triste fato dramaturgico de que as namoradas e as esposas não são as únicas pessoas de seu sexo que têm de se empenhar nas formas superiores de prostituição (1995: 213).

Aliás, a arte da dramatização era exercida desde sua infância sofrida e remota quando era convidada por algumas professoras a encenar em momentos de festa na escola, uma vez que poucos alunos “tinham o dom” da dramatização.

Aí descobriram que eu cantava. Era só pra que gostava de mim era quando... que naquele tempo chamavam sessão. Sessão era uma brincadeira que se fazia na escola nas datas comemorativas. E não tinha ninguém que chupasse um limão sem fazer careta igual a mim. Eu chupava um limão que não fazia careta, eu dançava bonito e cantava. Eu cantava aquela música do Paulo Sérgio que tava na moda nesse tempo: “Estou aqui desiludida a procurar...” Tão assim desinibida que não tinha aquela vergonha, não tinha nada, sabe? Nessa hora eu era benquista por umas três, quatro delas, as outras ainda ficavam assim. E as palmas eram muito fracas, tá entendendo? Mesmo achando que eu cantava bem, que ninguém tinha coragem como eu. Era tanto que eu cantava duas, três vezes e quase ninguém fazia número. Mas a sessão era mais minha. Aí quando chegou o terceiro ano eu digo: “Eu não vou mais estudar não. Sempre continua a mesma coisa. Eu não tenho colega, as pessoas continuam me olhando assim. Eu não vou mais não” (ex-prostituta, 1996)

A arte da dramatização, descoberta ainda na infância, mas adormecida por tanto sofrimento e falta de estímulo e de oportunidade, pode-se dizer, foi o que propiciou o rompimento com um “destino” que, parecia, iria durar para sempre. Sabrina começou a representar no palco; fazia *strip-tease*, dublagem e sexo explícito sempre no final de cada noite, atraindo um grande número de homens que vinham, muitas vezes, ao prostíbulo somente para assisti-la. Depois de cada *show*, vinham convites para “fazer programas” que eram, geralmente, recusados. Ela já havia decidido “ganhar a vida” fazendo *shows* e não mais na prostituição. Afinal, já se iam 10 anos nessa vida. Os convites começaram a surgir para que ela fizesse *strip-tease*, durante todo o dia, em cinemas especializados em filmes pornográficos.

No período em que esteve na prostituição, Sabrina afirmou não ter sido infeliz – parece que resolveu e soube conviver muito bem com o seu “destino”; ouviu e aconselhou muitos homens, soube orientar muitas amigas a evitar o uso de drogas e álcool em excesso; deu “dicas” importantes para as iniciantes; enfim, como ela mesma disse, soube ser uma “boa profissional”, apesar de nunca ter sido considerada uma “mulher quente”, uma mulher “boa de cama”.

Atualmente, Sabrina vive de um pequeno comércio; ajuda, com base em sua própria experiência, garotas adolescentes em risco de prostituição a conhecer a vida e buscar, com responsabilidade, seu caminho.

Enfim, parece que, querendo ou não, os finais das histórias estão sendo felizes. Mas foram finais duramente “batalhados” para se concretizarem; nada foi dado, nem mesmo a convivência com os “universitários maravilhosos” do projeto – a vida é cheia de conflitos que possibilitam encontros e desencontros. E, certamente, quem estiver aberto a novas leituras do real, às novas oportunidades que se colocam, saberá tirar delas não somente o que de negativo têm a oferecer e a observar: é só dar uma olhadinha para o outro lado; nunca existe apenas uma, mas várias oportunidades.

“CONCLUSÃO” DE HISTÓRIAS EM ANDAMENTO

Não é fácil “fechar” histórias que continuam em andamento. Até agora tudo está dando certo, amanhã, quem sabe? Alguns dos percalços que pudemos perceber nestas três histórias apontam aspectos em comum, muito mais do que podemos visualizar. Mas,

a título de “conclusão”, são claros os estigmas imbricados nestas histórias de vida. Goffman, ao falar da manipulação da identidade deteriorada do indivíduo, procura definir e caracterizar o estigma. Diz ele:

... algumas vezes [o estigma] também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (1988: 12).

Nos três casos, encontra-se uma imposição social fortemente amparada por discursos científicos, religiosos e humanitários que tendem a excluir os *diferentes* ou escondê-los sob a sombra da história oficial. Porém, apesar e por causa dessa resistência social, o movimento contrário se faz mais forte e se impõe, aflorando o *diferente* na expectativa da construção de uma sociedade que possibilite a homens e mulheres vivenciarem suas experiências sem a necessidade de seguir um arquétipo imposto.

Mas, dando continuidade ao pensamento de Goffman,

quando conhecida ou manifesta, essa discrepância [entre identidade social virtual e identidade social real] estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo (1988: 28).

No caso do rapaz, há uma “fuga do mundo” ao descobrir-se portador do vírus em virtude de uma homossexualidade que já não era aceita – uma dupla estigmatização o identificava como estando fora dessa identidade social virtual que é idealizada e que espera-se que todo sujeito normal venha *a-ter*. O tornar-se homem é uma tarefa árdua quando se impõe um tipo-padrão ou um *dever-ser*¹³ homem.

No caso de Sabrina, podemos conectar sua identidade social virtual a um “destino” trágico que a impelia para outros caminhos, levando-a a fugir de uma possível construção de sua identidade social real: fugiu, por duas vezes, da casa dos parentes: da casa materna e da casa dos primos; fugiu do colégio e de um possível casamento, tornando-se desacreditada não somente para aqueles de quem fugira, mas também de si.

Um último ponto em comum que gostaria de ressaltar refere-se à interdição da sexualidade dos três

personagens apresentados. É uma sexualidade não aceita socialmente, tida como anormal, transgressora, doentia e, portanto, passível de interdição tanto pelos que dela usufruem como, principalmente, pelos *que a possuem* como se fora algo contagioso e incontrolável. A prostituição, considerada um “mal necessário” pela sociedade e pela Igreja Católica, é reconhecida, entretanto, por exercer uma função social de extrema importância: disciplinar a sexualidade desenfreada e preservar e proteger os que não comungam com “bestialidades”.

Matos (s/d) percebe como esses discursos vêm sendo desenvolvidos quando trabalha com a questão do alcoolismo e das representações da figura do ébrio, revelando como o discurso médico-higienista-eugênico, apoiado pelo Estado, pela Igreja e pela sociedade, buscou enquadrar os perfis de masculinidade e feminilidade, como essência, em campanhas antialcoólicas, cristalizando e reafirmando um *dever-ser* masculino e um *dever-ser* feminino construídos tendo como referência a emergência de um *homem moderno*. Aponta ainda para a forma como os discursos privilegiavam a necessidade de disciplinar a sexualidade para estabelecer padrões de aceitação moral do que pode e não pode ser publicizado, visibilizado e, certamente, tido como normal.

Portanto, somente nos estudos antropológicos e na ruptura entre a história oficial e a não oficial, é que se percebe o surgimento dos *outros* sujeitos.

Há muito tempo esse tipo de comunicação tem sido a missão de historiadores que documentam a vida das pessoas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado. Ela produziu uma riqueza de novas evidências anteriormente ignoradas sobre essas pessoas; chamou a atenção para as dimensões da atividade e da vida humanas normalmente consideradas indignas de menção para serem citadas nas histórias convencionais (Scott, 1981: 300).

No entanto, é importante ter em mente que nem a história considerada ortodoxa ou oficial ou a história da diferença ou da designação do *outro* pode arvorar-se o estatuto de ser a história *completa* ou *verdadeira*; principalmente quando levamos em consideração que essas histórias não são neutras, são contadas e vividas por sujeitos que contemplam uma experiência subjetiva de acontecimentos e fatos. Essa discussão

¹³ Matos (1997, 1999, s/d), apreende, com muita sagacidade, o *dever-ser* e o *não-dever-ser* homem e mulher como arquétipos nas músicas de Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues e Vicente Celestino

provocou uma crise na história [e na ciência] ortodoxa ao multiplicar não apenas histórias mas também temas, e ao insistir que histórias são escritas de perspectivas ou pontos de vista fundamentalmente diferentes – na verdade inconciliáveis – nenhum dos quais completo ou totalmente verdadeiro (Scott, 1981).

Para chegar a essa compreensão, foi fundamental poder ouvir o 'outro lado' da prostituta, do cliente, do homossexual, enfim, do *outro*. Nesse sentido, pude rever algumas categorias, conceitos e representações que perpassam o imaginário, pensando que:

com efeito, a insistência sobre as diferentes figuras observadas através do 'imaginário cotidiano' não privilegia em nenhuma matéria as categorias do 'absurdo', do 'confuso' ou do 'irracional'. Trata-se, na realidade de 'dar' um estatuto aos registros que, antes, não o tinham. O que é visado, é pois a experiência humana tal qual ela se exprime antes de sua conceitualização pelo pensamento lógico (Lins apud Sousa, 1998: 145).

Em assim pensando, é premente a necessidade de refletirmos o real não somente com base no que ele nos oferece de forma objetiva e evidente; há muito mais por trás dessa evidência e objetividade que não aflora de forma visível aos conceitos e valores tão colados à nossa experiência. Ao darmos outro tratamento no olhar a realidade, podemos captar a subjetividade expressa e diluída nele, sendo capazes de trabalhar a nossa própria e viabilizando a possibilidade de construirmos outros caminhos de compreensão dessas diferentes experiências.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, s/d.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico: espaço social e a gênese das classes*. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Memória e Sociedade.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. (s/r; s/d).
- NOLASCO, Sócrates (Org.) et al. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ORTIZ, Reinaldo. Discursos masculinos: a auto-opressão do homem e a prevenção da transmissão do HIV-AIDS. In: NOLASCO, S. (Org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. In: *Cultura e trabalho*. Revista Projeto História – Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica – PUC, nº 16. São Paulo: EDUC, 1981.
- SOUSA, Francisca Ilnar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume/Fortaleza: Secretaria de Educação e Desporto, 1998.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- Jornal O Povo, 1995.
- Jornal O Povo, s/d.